



Boletim NEIT – Número 6 – Dezembro de 2004

- SEÇÃO 1** Panorama Setorial : Indústria de Máquinas Agrícolas Automotrizes
Cenário do setor no país
- SEÇÃO 2** Tópico Especial : Notas sobre as operações das Empresas Transnacionais dos Estados Unidos nos países em desenvolvimento
Características do investimento norte-americano
- SEÇÃO 3** Comércio Exterior e Produção Industrial
Desempenho no terceiro trimestre de 2004

Panorama Setorial : Indústria de Máquinas Agrícolas Automotrizes

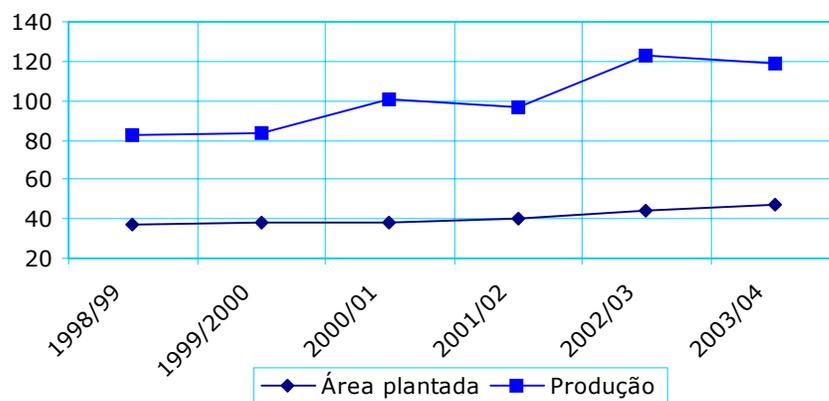
As máquinas agrícolas formam, junto com os defensivos agrícolas, as sementes e os fertilizantes, os principais insumos da atividade produtiva agropecuária. Por atuar em uma atividade muito abrangente, o setor de máquinas agrícolas também se apresenta muito heterogêneo, envolvendo a produção de bens que participam de todas as etapas produtivas, que vão do preparo do solo e do plantio até procedimentos de pós-colheita e armazenamento da produção agropecuária. Para nosso objetivo, vamos considerar apenas o segmento de máquinas agrícolas automotrizes, mais especificamente a indústria de tratores e colheitadeiras.

De acordo com o Ministério da Agricultura (MARA), o agronegócio representa cerca de 33,8% do PIB do país, 37% dos empregos e 44% das exportações.

Cabe destacar que devido à dinâmica do setor agrícola, a indústria de máquinas agrícolas automotrizes é capaz de captar o movimento geral da expansão ou retração da atividade agropecuária. Desta forma, é de se esperar que a indústria de máquinas esteja em crescimento no Brasil, pois refletiria a fase de expansão da área plantada e da produção agrícola, como podemos observar no gráfico 1.

Neste contexto, de expansão da produção agropecuária, é importante destacar o papel fundamental exercido pelo financiamento para a aquisição de máquinas agrícolas. Em 2000 iniciou-se um programa de modernização da frota agrícola conduzido pelo BNDES, o MODERFROTA. Este programa financia a aquisição de máquinas e implementos agrícolas com juros inferiores aos do mercado financeiro, e com prazos maiores, exigindo em contrapartida um grau de nacionalização mínimo dos componentes da máquina agrícola comercializada, da ordem de 60%.

Gráfico 1 - Evolução da produção (milhões ton) e da Área plantada (milhões ha) - Brasil



Fonte: MARA - Ministério da Agricultura

Com estes componentes de expansão da demanda favorecendo o setor, a produção total cresceu 102,5% entre 1999 e 2003, como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1. Produção de máquinas agrícolas, tratores e colheitadeiras – Brasil (1999-2004)

Ano	Produção total**	Vendas internas	Exportações	Produção de Tratores***	Produção de Colheitadeiras	Exportações/vendas internas (%)
1999	28221	24043	4207	20911	3760	17,5%
2000	35501	30536	5270	27546	4296	17,3%
2001	44339	35252	8246	34781	5196	23,4%
2002	52010	42474	10421	40352	6851	24,5%
2003	57150	36873	20888	46435	9195	56,5%
2004*	49380	29143	22332	40015	7711	76,5%

* até setembro 2004; ** envolve todas as máquinas agrícolas (tratores de rodas e esteiras, colheitadeiras, cultivadores e retroscavadeiras); *** somente tratores de rodas

Fonte: ANFAVEA

A expansão da produção total de máquinas foi acompanhada por uma expansão mais significativa da produção de tratores de rodas (122,1%) e de colheitadeiras (144,5%).

Quanto às vendas, podemos observar que de 1999 até 2002 as vendas internas cresceram significativamente (176,7%) apresentando, no entanto, retração de 13% no ano de 2003 em relação a 2002, ao passo que as exportações cresceram 296% entre 1999 e 2003. Podemos constatar que em 2004 o crescimento da produção ou sua manutenção no mesmo patamar de 2003, estará assentado na continuidade da expansão das exportações, embora em um ritmo menor que 2003 (gráfico 2).

O crescimento expressivo das exportações merece destaque, pois pode estar caracterizando uma mudança estrutural na estratégia das empresas. As exportações passaram de um percentual de 17,5% das vendas internas em 1999 para 56,5% das vendas internas em 2003; sendo que, até setembro de 2004, este percentual subiu para 76,5%. Este crescimento evidencia uma tendência das empresas em aumentarem a importância do mercado externo como destino de sua produção. Os dados demonstram que esta mudança ocorreu após um período de forte expansão do mercado interno, em que as empresas aumentaram sua capacidade produtiva.

Com relação à estrutura produtiva do setor, sabemos tratar-se de um mercado altamente concentrado. Trata-se de um oligopólio mundial no qual vem ocorrendo, desde a última década, um processo de fusões e aquisições que concentrou ainda mais o mercado no Brasil, um tradicional produtor de máquinas agrícolas. Esta concentração e os condicionantes favoráveis de demanda interna e externa propiciaram expressivos investimentos em expansão e modernização das plantas produtivas no Brasil, com forte incorporação de tecnologia nos produtos, o que faz com que este setor hoje apresente máquinas tecnologicamente mais sofisticadas, mais potentes e com mais eficiência na realização de suas tarefas, caso dos tratores com melhor relação peso/potência e das colheitadeiras que reduziram, praticamente a índices próximos de zero, as perdas no processo de colheita.

De acordo com a ANFAVEA, a produção de tratores e colheitadeiras no país é feita por apenas 5 empresas, estando espacialmente concentradas na região Sul e Sudeste do Brasil, com tendência de expansão da produção para o Centro-Oeste.



As exportações de máquinas agrícolas em 2003 cresceram 100% em relação ao ano anterior.

Segundo a ANFAVEA, o setor exportou 450 milhões de dólares em 1999, 580 milhões em 2002, 962 milhões em 2003, e deve superar 1,3 bilhões de dólares US\$ em 2004.

O segmento de tratores agrícolas

Os produtores de tratores no Brasil são apenas 5: Agrale, CNH (Case-New-Holland), AGCO do Brasil, John Deere e Valtra do Brasil. Neste mercado são produzidos dois tipos de tratores: de rodas e de esteiras, com diferentes níveis de potência. No Brasil se destaca a produção de tratores de roda com potência entre 50 e 200 cv. A AGCO é a líder de mercado (41% da produção) com a CNH vindo a seguir a CNH (gráfico 3).

A AGCO concentra sua produção de tratores em Canoas (RS). A AGCO do Brasil controla os negócios da corporação na América do Sul e Caribe utilizando o país como plataforma exportadora, incluindo a exportação de tratores para os Estados Unidos. A empresa CNH é fruto da fusão entre as empresas Case e New Holland. Possui unidades produtivas em Curitiba (PR), Piracicaba (SP) e Belo Horizonte (MG). A Valtra do Brasil é uma empresa finlandesa, com fábrica em Mogi das Cruzes (SP). A empresa John Deere produz tratores na sua fábrica em Montenegro (RS). Recentemente esta empresa expandiu as instalações para atender sua estratégia exportadora, privilegiando os países do Mercosul. A Agrale é a única empresa nacional neste mercado. Sua unidade produtiva esta localizada em Caxias do Sul (RS) e apesar de produzir tratores de diversas potências, se insere mais fortemente no mercado na categoria de tratores de roda de baixa potência (até 39 cv), segmento onde é líder de mercado.

A AGCO é a maior exportadora de máquinas agrícolas do país, em especial de tratores de roda. Em 2003 exportou 9425 unidades, de um total exportado pelo país de 16589 tratores.

Gráfico 3 - Participação na produção de tratores de rodas - Brasil 2003

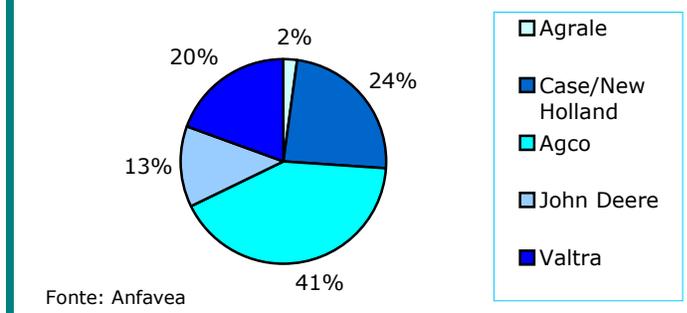


Tabela 2. Exportações de tratores de roda por destino - 2002-2004 (milhões US\$)

Destino	2002	2003	2004*
Argentina	9,2	85,6	115,0
EUA	31,4	37,1	62,3
Venezuela	33,2	18,7	36,3
Paraguai	8,2	26,3	27,0
África do Sul	12,1	14,7	19,7
Resto do Mundo	51,7	119,7	129,4
Total	145,7	302,2	389,6

Fonte: Dados da Secex- elaboração NEIT. * até outubro de 2004

Como podemos observar na Tabela 2, entre 2002 e 2003 o Brasil expandiu suas exportações de tratores de roda de 145 milhões de dólares para 302 milhões, crescimento superior a 100%. A expansão das exportações continua em 2004, já totalizando até outubro de 2003 mais de 389 milhões de dólares. Cabe destacar a recuperação das compras pela Argentina, principal mercado demandante do produto, destino de 28,3% das exportações de tratores de roda do Brasil em 2003. Até outubro de 2004, este percentual subiu para 29,5%. Destaca-se também nas exportações a participação dos EUA como segundo demandante e o crescimento das vendas de maneira uniforme em vários mercados (vide crescimento para o resto do mundo de 131% em 2003 com relação a 2002).

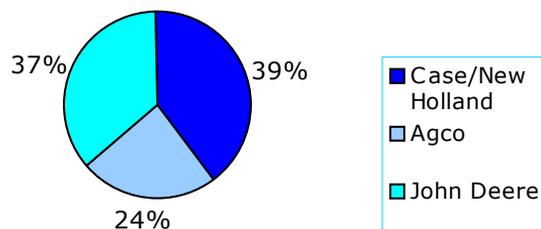
O segmento de Colheitadeiras

O mercado de colheitadeiras no Brasil é ainda mais concentrado que o de tratores. Nos últimos anos houve um forte movimento de fusões e aquisições e somente três empresas são produtoras de colheitadeiras no Brasil, todas empresas transnacionais também atuantes no mercado de tratores: CNH (Case-New Holland), SLC-John Deere, AGCO do Brasil (gráfico 4).

Em 2003, as exportações de colheitadeiras totalizaram cerca de US\$ 135 milhões. Esta forte expansão das vendas foi puxada pela demanda dos vizinhos da América do Sul. Em 2004, até outubro, as vendas já totalizam mais de 171 milhões de dólares.

A CNH é a líder de mercado com 39% da produção. Possui unidade de produção de colheitadeiras em Piracicaba (SP) e em Curitiba (PR). A empresa transferiu recentemente da Austrália para o Brasil sua unidade de produção de colheitadeiras de cana de açúcar. Com esta transferência, a empresa está investindo na constituição de um centro de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de máquinas agrícolas no Brasil. A empresa AGCO possui sua unidade produtiva em Santa Rosa (RS) e tem atualmente implementado forte estratégia exportadora para o Mercosul. A empresa SLC-John Deere produz colheitadeiras na sua unidade de Novorizontina (RS). Recentemente anunciou investimentos de expansão da unidade gaúcha e em uma nova unidade produtiva em Catalão (GO) aproveitando a expansão da agricultura mecanizada no centro-oeste brasileiro.

Gráfico 4 - Participação na produção de colheitadeiras - Brasil 2003



Fonte: Anfavea

As exportações de colheitadeiras que totalizaram em 2002 mais de 50 milhões de dólares, expandindo-se, em 2003, para aproximadamente 135 milhões de dólares, um crescimento de 169% no ano (tabela 3). Esta forte expansão das vendas foi puxada pela demanda da Argentina e do Paraguai. Em 2004, as exportações continuam apresentando expansão com a continuidade do crescimento das vendas para a Argentina e o crescimento das vendas para outros mercados, com destaque para a Venezuela e a Bolívia. As vendas externas até outubro de 2004 já totalizam mais de 171 milhões de dólares. Neste mercado, as vendas estão mais concentradas que no mercado de tratores na América do Sul, a expansão das vendas para o resto do mundo não acompanhou a expansão para esta região específica.

Tabela 3. Exportações de colheitadeiras por destino – 2002-2004 (milhões US\$)

Destino	2002	2003	2004*
Argentina	6,5	67,7	75,8
Venezuela	6,5	3,8	25,6
Paraguai	8,6	27,2	21,2
Bolívia	2,6	4,4	10,4
Uruguai	0,3	1,0	5,8
Resto do Mundo	25,6	30,8	32,7
Total	50,1	134,8	171,5

Fonte: Dados Secex, elaboração NEIT. * até outubro de 2004

O Moderfrota

A expansão da demanda e da produção de máquinas agrícolas no país foi bastante beneficiada pela implementação do Moderfrota, programa de financiamento conduzido pelo BNDES. Desde sua implantação, em março de 2000, até 2003, o programa já destinou mais de 7,8 bilhões de reais para a aquisição de máquinas agrícolas (gráfico 5).

Para o agricultor com renda bruta inferior a R\$ 150 mil, o programa destina crédito de até 100% do valor da máquina, cobrando taxas de juros de 9,75% ao ano. Para os que possuem renda bruta anual superior a R\$ 150 mil, o financiamento é de até 80% do valor da máquina com juros de 12,5% ao ano. O financiamento tem prazo máximo de cinco anos, e no caso de colheitadeiras o prazo se estende para seis anos. Podemos observar o desembolso executado nos últimos anos no gráfico 5. O programa que vinha expandindo o



volume de crédito, desde sua implementação, apresentou uma diminuição do desembolso em 2003, ano de retração das vendas internas.

Perspectivas para o mercado de máquinas agrícolas automotrizes

Apesar do grande crescimento observado nos últimos anos, o mercado de máquinas agrícolas automotrizes brasileiro aponta para uma desaceleração da sua taxa de crescimento para o ano de 2005. Isto porque o mercado interno apresenta estabilização na demanda por máquinas, o que já esta sendo observado por uma evolução menor das vendas domésticas, restando o setor externo como o elemento dinâmico em vigor. De fato, o mercado externo assumiu a condição de elemento dinâmico e a expansão das exportações no ano de 2004 em relação a 2003 deverá situar-se ao redor de 50%, o que pode ser considerado uma expansão formidável.

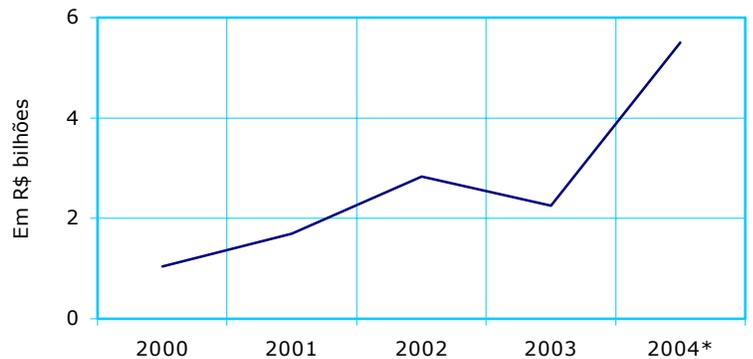
O crescimento das vendas internas depende da manutenção da rentabilidade da atividade agrícola. Quanto às vendas externas, estas dependem das estratégias da empresas.

O crescimento das vendas no mercado interno apresenta dependência da manutenção da rentabilidade da atividade agrícola, portanto, de preços remuneradores para a produção, bem como da continuidade da expansão das exportações. Depende também da manutenção do programa de modernização da frota agrícola (Moderfrota) e das condições de financiamento que irão vigorar nas próximas safras. Cabe destacar que o programa já executou uma parcela significativa de renovação das máquinas, o que diminui seu potencial dinamizador do mercado no futuro.

Quanto à expansão do mercado externo observamos que vai depender das estratégias das empresas em direcionarem para este mercado, partes cada vez mas importantes de sua produção local. Este movimento tem ocorrido de forma significativa de acordo com os dados do setor, evidenciando que esta estratégia esta efetivamente em andamento por parte das empresas. Algumas delas têm, inclusive, transferido unidades produtivas de outros países para o Brasil aproveitando o crescimento do mercado interno (*boom* exportador agrícola) e o atendimento a outros mercados a partir da localização no Brasil. A América do Sul e mais especificamente o Mercosul têm se firmado como mercado mais significativo, em especial a Argentina que apresentou uma expressiva recuperação de sua demanda por máquinas brasileiras. No caso específico dos tratores de rodas, além da América do Sul, os Estados Unidos também se destacam como grande comprador. Além destes mercados é importante ressaltar a expansão das vendas para outros destinos, diversificando as exportações para outros continentes.

Por fim, a expansão da atividade agropecuária no país nos últimos anos gerou demanda suficientemente atraente para máquinas agrícolas, que incentivou investimentos com modernização de plantas e aumento da escala produtiva que serviu para atender a produção nacional e gerar capacidade também para o atendimento de uma estratégia exportadora. Por outro lado, o investimento no aumento da produção local de máquinas se justifica, pois existe um grande potencial no país para o crescimento do uso de máquinas agrícolas na agricultura brasileira. O Brasil é um dos poucos países com capacidade para expandir sua área agricultável. Culturas como a cana de açúcar, a soja, o algodão e o café, entre outras, podem ter suas áreas de cultivo ampliadas, bem como terem o nível de mecanização em suas colheitas ampliado, expandindo assim o mercado para tratores, colheitadeiras e outras máquinas agrícolas.

Gráfico 5 - Recursos do Moderfrota - Desembolsos do BNDES (2000/2004)



Fonte: BNDES
* orçamento

Tópico Especial: Notas sobre as operações das Empresas Transnacionais dos Estados Unidos nos países em desenvolvimento

A economia estadunidense vem apresentando um notável dinamismo no período recente, mantendo um crescimento do PIB acima do verificado para o total dos países desenvolvidos. Em contraposição ao Japão e aos países da União Européia que ao longo da década de 80 e 90 perderam participação no PIB mundial, os EUA têm conseguido manter uma participação estável em torno de 21% da riqueza mundial¹. Obviamente, em razão de sua posição hegemônica e de seu peso na economia mundial, os movimentos e mudanças na economia americana provocam impactos profundos sobre as demais economias do globo. Este texto tem como objetivo analisar de maneira breve apenas um dos vetores desses impactos, referente aos investimentos diretos estrangeiros (IDE) e operações das filiais das empresas transnacionais (ETN) com sede nos Estados Unidos. A partir dos dados do Bureau of Economic Analysis (BEA) sobre as atividades das filiais sob controle majoritário de empresas americanas, busca-se caracterizar a posição relativa das filiais instaladas no Brasil vis-a-vis outros países e regiões em desenvolvimento.

Observando o gráfico 6, pode-se perceber que os fluxos de IDE realizado no exterior pelos Estados Unidos tiveram um crescimento explosivo ao longo dos anos 90, atingindo cerca de US\$ 209 bilhões em 1999, declinando em seguida até 2002 e voltando a crescer em 2003, atingindo US\$ 151 bilhões neste último ano. Os dados sobre o volume de fusões e aquisições onde as empresas dos EUA aparecem como adquirentes mostram que o crescimento do IDE esteve em grande parte associado ao processo de fusões e compras de empresas no exterior.

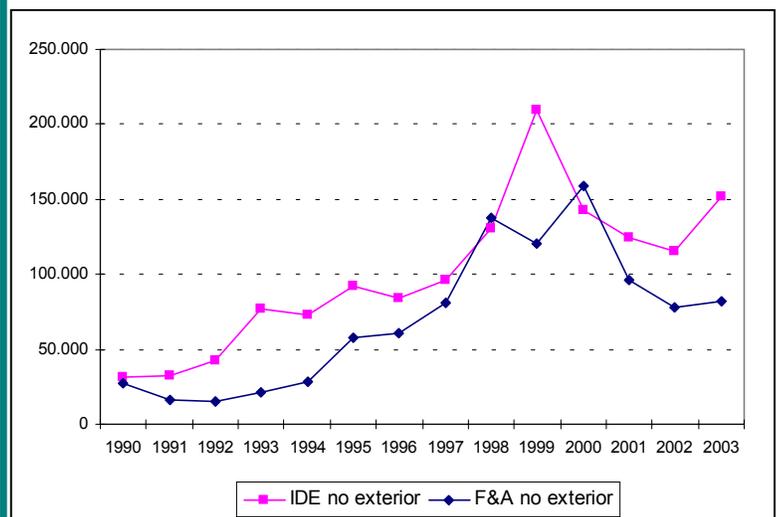
Os fluxos de IDE realizados pelos Estados Unidos tiveram um crescimento explosivo ao longo dos anos 90, em grande parte associados ao processo de fusões e aquisições de empresas no exterior.

Considerando o acumulado no período 1990-2002, tanto os investimentos realizados pelos EUA, quanto os processos de compra via fusão e aquisição representaram cerca de 20% do total mundial.

Levando em consideração o fato de que nesse mesmo período o volume de investimento direto recebido pelos EUA foi ligeiramente superior ao realizado, e que também grande parte deste investimento recebido esteve associado a fusões e aquisições de empresas americanas, constata-se que esse processo reflete em grande medida o acirramento nas condições de concorrência internacional entre as grandes corporações dos países centrais.

Se os fluxos de investimento dos EUA em direção a outros países desenvolvidos pode ser interpretado como expressão da rivalidade oligopolista entre as grandes empresas

Gráfico 6 – Estados Unidos – Investimentos Diretos no Exterior e Fusões e Aquisições de empresas no exterior – 1990-2003 – US\$ milhões



Fonte: BEA..

¹ Ver artigo de Silva, A. C. M. no Boletim Política Econômica em Foco n. 4, Seção I, Centro de Conjuntura e Política Econômica, Instituto de Economia.

desses países, o aumento nos volumes de IDE em direção aos países em desenvolvimento reflete também outros fatores. Em primeiro lugar, a busca por novos mercados com maior potencial de crescimento. Em segundo lugar, a estratégia de desverticalização das grandes corporações, que fragmentaram etapas do processo produtivo e realocalizaram atividades mais intensivas em mão-de-obra em países com salários menores. Com relação a esse segundo aspecto, é importante ressaltar que essa estratégia foi seguida tanto através da abertura de filiais no exterior, responsáveis pela produção das etapas mais intensivas em trabalho, como através de esquemas de subcontratação internacional, não envolvendo, portanto necessariamente IDE. Os dados mostrados a seguir conseguem captar apenas a internacionalização das atividades produtivas das ETNs americanas realizada de maneira internalizada, ou seja, através de abertura de filiais no exterior.

Considerando a tabela 4, percebe-se que no conjunto das operações das filiais de empresas dos EUA mantidas no exterior com controle majoritário, a importância relativa das filiais dos países em desenvolvimento apresentou tendência de aumento entre 1989 e 2002. Esse aumento da participação relativa pode ser observado seja pelo número de filiais, seja pelo volume de vendas, de emprego e dos ativos, embora nessa última variável, o crescimento dos países em desenvolvimento tenha sido bastante reduzido. Em 2002, as 8,8 mil filiais dos países em desenvolvimento tiveram vendas US\$ 839 bilhões, ativos totais de US\$ 1.687 bilhões e empregaram 3,2 milhões de pessoas.

Tabela 4 – Indicadores das atividades das filiais majoritárias de ETNs dos Estados Unidos – 1989, 1994, 1999 e 2002.

	1989		1994		1999		2002	
	Valor	Part. relativa						
Número de Filiais								
Total	15.381	100%	18.929	100%	21.042	100%	22.644	100%
Desenvolvidos	10.246	66,6%	11.584	61,2%	12.831	61,0%	13.767	60,8%
Em Desenvolvimento	5.000	32,5%	7.257	38,3%	8.211	39,0%	8.877	39,2%
Ativos Totais - em US\$ bilhões								
Total	1.080,2	100%	2.022,6	100%	4.056,4	100%	6.209,8	100%
Desenvolvidos	804,3	74,5%	1.479,1	73,1%	2.937,6	72,4%	4.522,8	72,8%
Em Desenvolvimento	264,7	24,5%	530,2	26,2%	1.118,7	27,6%	1.687,0	27,2%
Vendas - em US\$ bilhões								
Total	1.019,9	100%	1.435,9	100%	2.218,9	100%	2.548,6	100%
Desenvolvidos	799,7	78,4%	1.040,2	72,4%	1.567,9	70,7%	1.709,4	67,1%
Em Desenvolvimento	214,9	21,1%	389,3	27,1%	650,9	29,3%	839,2	32,9%
Número de Empregados (milhões)								
Total	5.114,0	100%	5.707,1	100%	7.765,8	100%	8.183,9	100%
Desenvolvidos	3.488,8	68,2%	3.557,1	62,3%	4.667,2	60,1%	4.895,6	59,8%
Em Desenvolvimento	1.600,2	32,3%	2.126,4	37,3%	3.098,8	39,9%	3.288,3	40,2%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados do BEA.

Analisando as duas principais regiões dos países em desenvolvimento, é possível observar que o aumento de importância aconteceu tanto nos países da América Latina (AL) quanto nos países da Ásia. Porém, a evolução desses últimos foi mais acentuada. Em termos de participação nas vendas, as filiais localizadas na AL respondiam por 8,5% das vendas de todas as filiais em 1989, enquanto que as localizadas nos países em desenvolvimento da Ásia respondiam por 6,1%. Em 2002, a participação da Ásia atingiu 12,3%, ficando em um patamar um pouco superior ao da AL (12,1%). Em termos absolutos, isso correspondeu a um volume de vendas de US\$ 313 bilhões na Ásia e US\$ 308 bilhões na AL. Quanto à participação no total de empregos gerados pela rede mundial de filiais, os países da AL experimentaram um aumento muito pequeno, ao passo que os países asiáticos tiveram um aumento bem maior. Apesar disso, em 2002 o emprego gerado nas filiais da AL

No conjunto das operações das filiais de empresas dos EUA, a importância relativa das filiais dos países em desenvolvimento apresentou tendência de aumento entre 1989 e 2002, seja pelo número de filiais, volume de vendas, de emprego e dos ativos.

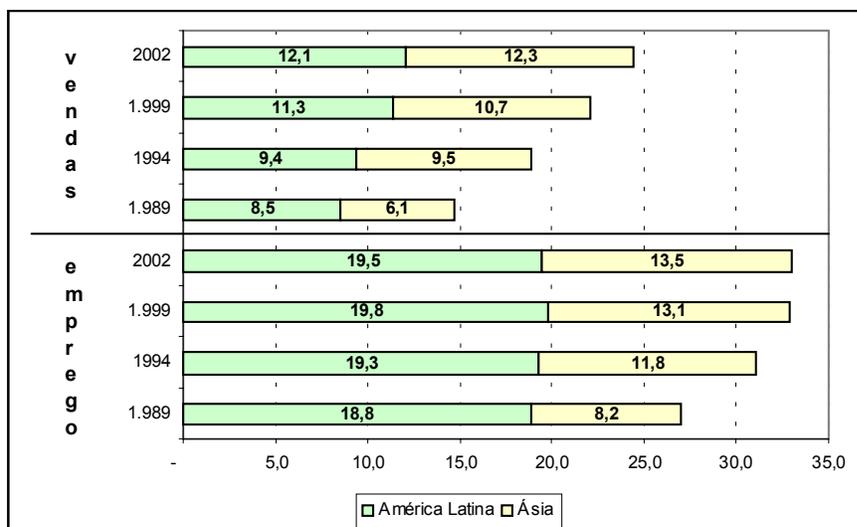
eram ainda bem superior ao gerado pelas filiais da Ásia. Enquanto na AL o total de empregados foi de cerca de 1,6 milhão de pessoas, na Ásia atingiu 1,1 milhão.

Se dentro das duas regiões a análise for realizada por país, fica evidente que apesar do aumento da importância relativa dos dois grupos, na Ásia esse movimento é mais homogêneo, atingindo praticamente todos os países, enquanto que na AL, o aumento ocorreu basicamente em função do aumento da importância das filiais mexicanas.

Como pode ser visto na tabela 5, as filiais mexicanas tinham um volume de vendas de US\$ 16,4 bilhões, o que correspondia a 1,6% do total mundial. Esse volume apresenta crescimento contínuo ao longo dos anos analisados e atinge US\$ 112,4 bilhões, o que equivale a 4,4% do total mundial e cerca de 1/3 das vendas de todas as filiais da AL. Quanto ao número de empregados, as filiais no México passam de 327 mil pessoas em 1989 para 841 mil pessoas em 2002, o que representou 10,3% do total de empregados pelas filiais no mundo e cerca de metade do total da AL.

Apesar do aumento da importância relativa dos dois grupos, na Ásia esse movimento atingiu praticamente todos os países, enquanto na AL o aumento ocorreu basicamente em função do aumento da importância das filiais mexicanas.

Gráfico 7 – Participação dos Países em desenvolvimento da Ásia e da América Latina nas vendas e nos empregos das filiais de FTNs dos FIIA – 1989, 1994, 1999 e 2002



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados do BEA.

Tabela 5 – Vendas e número de empregados das filiais dos EUA em países selecionados da Ásia e América Latina – 1989, 1994, 1999 e 2002.

	1989		1994		1999		2002	
	Valor	P. rel..	Valor	P. rel..	Valor	P. rel..	Valor	P. rel..
Vendas – US\$ milhões								
Am Latina	87.014	8,5%	134.808	9,4%	251.575	11,3%	308.180	12,1%
Argentina	4.057	0,4%	11.545	0,8%	23.123	1,0%	17.116	0,7%
Brasil	30.588	3,0%	33.232	2,3%	56.066	2,5%	58.787	2,3%
Chile	1.981	0,2%	4.937	0,3%	9.365	0,4%	8.045	0,3%
Venezuela	2.677	0,3%	5.431	0,4%	10.106	0,5%	12.021	0,5%
México	16.437	1,6%	39.421	2,7%	81.473	3,7%	112.443	4,4%
Paraísos Fiscais	11.488	1,1%	12.472	0,9%	29.753	1,3%	50.960	2,0%
Ásia	62.322	6,1%	136.237	9,5%	237.988	10,7%	313.529	12,3%
China	257	0,0%	3.225	0,2%	20.381	0,9%	42.530	1,7%
Hong Kong	16.408	1,6%	29.729	2,1%	47.255	2,1%	51.770	2,0%
Índia	323	0,0%	983	0,1%	4.554	0,2%	8.347	0,3%
Indonésia	6.120	0,6%	8.229	0,6%	9.080	0,4%	11.035	0,4%
Coréia	2.463	0,2%	5.554	0,4%	11.262	0,5%	18.509	0,7%
Malásia	5.419	0,5%	11.579	0,8%	21.848	1,0%	29.376	1,2%

Filipinas	2.905	0,3%	5.211	0,4%	8.563	0,4%	10.596	0,4%
Singapura	15.102	1,5%	46.871	3,3%	78.564	3,5%	93.763	3,7%
Taiwan	6.773	0,7%	13.690	1,0%	18.757	0,8%	23.482	0,9%
Tailândia	5.456	0,5%	9.627	0,7%	14.566	0,7%	19.548	0,8%
Empregos								
Am Latina	961.600	18,8%	1.100.300	19,3%	1.536.400	19,8%	1.594.300	19,5%
Argentina	48.300	0,9%	60.500	1,1%	93.800	1,2%	83.900	1,0%
Brasil	344.500	6,7%	262.700	4,6%	348.800	4,5%	336.700	4,1%
Chile	16.500	0,3%	34.600	0,6%	43.600	0,6%	49.700	0,6%
Venezuela	40.400	0,8%	53.000	0,9%	63.200	0,8%	63.700	0,8%
México	327.000	6,4%	496.600	8,7%	780.800	10,1%	841.200	10,3%
Paraísos Fiscais	3.700	0,1%	8.200	0,1%	11.900	0,2%	12.000	0,1%
Ásia	419.800	8,2%	673.500	11,8%	1.021.100	13,1%	1.105.000	13,5%
China	3.700	0,1%	62.400	1,1%	252.400	3,3%	287.700	3,5%
Hong Kong	58.200	1,1%	91.200	1,6%	93.800	1,2%	95.000	1,2%
Índia	10.200	0,2%	17.900	0,3%	62.200	0,8%	93.500	1,1%
Indonésia	36.100	0,7%	52.200	0,9%	61.600	0,8%	67.400	0,8%
Coréia	26.400	0,5%	29.000	0,5%	46.100	0,6%	69.000	0,8%
Malásia	52.500	1,0%	120.800	2,1%	119.100	1,5%	105.300	1,3%
Filipinas	60.700	1,2%	66.400	1,2%	78.100	1,0%	80.800	1,0%
Singapura	71.300	1,4%	93.800	1,6%	114.800	1,5%	110.700	1,4%
Taiwan	53.000	1,0%	58.900	1,0%	71.300	0,9%	70.400	0,9%
Tailândia	36.600	0,7%	70.300	1,2%	102.300	1,3%	103.600	1,3%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados do BEA.

O crescimento mexicano contrasta com a perda de importância relativa das filiais brasileiras. Em 1989, tanto em termos do volume de vendas quanto em termos do número de empregados, o Brasil era o país de maior importância para a rede internacional de filiais entre os países em desenvolvimento. A participação relativa no total era de 3% e 6,7% nos dois indicadores respectivamente. Em 2002, a participação brasileira atingiu 2,3% no total das vendas e 4,1% no total de empregos, sendo substituído pelo México enquanto país mais importante para as operações das ETNs norte-americanas fora de seu país de origem.

O crescimento mexicano contrasta com a perda de importância relativa das filiais brasileiras.

Tabela 6 – Atividades em que se concentram as operações das filiais de ETNs norte-americanas.

	Total	Industria	Comércio	Serviços Financeiros	Serv. Infra-Estrutura
Todos os países	100,0	47,4	25,4	7,8	4,7
Em Desenvolvimento	100,0	42,4	32,4	7,0	3,8
América Latina	100,0	48,6	20,7	10,4	6,3
Brasil	100,0	59,3	16,3	5,2	13,5
México	100,0	71,4	8,7	5,0	nd
Ásia	100,0	47,5	31,6	7,4	2,4
China	100,0	73,8	15,3	nd	1,9
Hong Kong	100,0	17,5	59,6	11,0	nd
Malásia	100,0	78,2	8,5	nd	nd
Singapura	100,0	45,9	44,9	3,2	nd
Taiwan	100,0	35,0	20,6	36,2	0,8

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados do BEA.

Além disso, vários países asiáticos apresentaram uma taxa de crescimento acelerada, se aproximando da posição brasileira. No período analisado, apesar de, como já ressaltado,



o crescimento da importância das filiais asiáticas ter sido generalizado, vale destacar o crescimento verificado em Singapura, China, e Malásia.

É interessante notar que, quando se analisa em cada país quais os setores de atividade onde as filiais concentram suas operação, evidencia-se uma certa especialização por país. Como pode ser observado na tabela 6, México, China e Malásia destacam-se pela elevada participação das atividades industriais dentro do total de operações das filiais em cada país. Por outro lado, Hong-Kong e Taiwan apresentam uma participação muito mais importante em atividades de comércio e serviços financeiros. Singapura também apresenta uma especialização importante em serviços, embora tenha também atividade industrial relevante. Já no Brasil, além da atividade industrial, que representou 59,3% do total de vendas das filiais instaladas no país em 2002, os serviços de infra-estrutura aparecem com destaque, apresentando uma participação muito superior ao verificado nos demais países.

Também dentro da atividade industrial, observam-se diferenças marcantes entre os países. Na tabela 7, mostrada a seguir, foram selecionados os países com participação mais importante da indústria. Na parte de cima da tabela, aparece tanto o volume absoluto de vendas do total das filiais em setores industriais selecionados como a respectiva participação relativa. Na parte inferior, aparecem as regiões e os países, com a importância relativa das vendas das filias de cada setor industrial no total mundial.

Considerando o total dos países em desenvolvimento, destaca-se a importância desses países nas atividades do complexo produtos de informática, eletroeletrônica e telecomunicações. Mais da metade das vendas das filiais desse setor vem dos países em desenvolvimento, sendo que 42% se concentram nos países asiáticos. Singapura responde por 14% do total, enquanto China e Malásia são responsáveis, cada um por cerca de 9% das vendas mundiais das filiais desse setor. Embora o México tenha uma participação importante (5,3%), ela é menor do que a verificada no total da indústria, que atinge 6,6%. Nos demais segmentos industriais, a participação das filiais asiáticas é bem menos importante.

Já as filiais mexicanas apresentam uma especialização no setor de equipamentos de transporte, com um volume de vendas que representou 12,5% do total, o que significa mais da metade de todas as vendas realizadas pelas filiais americanas do setor nos países em desenvolvimento. As filiais mexicanas também se destacam pela importância no setor de alimentos, químico e no já referido setor de Informática e Telecomunicações.

Tabela 7 – Setores em que se concentram as operações das filiais de ETNs norte americanas da área industrial.

	Indústria	Alimentos	Química	Metalurgia	Maquinas e equip.	Informática e Telecom.	Equip. transporte
Vendas US\$ milhões	1.208.610	90.281	224.473	40.063	59.925	206.909	272.093
% vendas da Indústria	100,0	7,5	18,6	3,3	5,0	17,1	22,5
P. em Desenvolv.	29,4	32,9	25,5	21,2	26,4	55,7	21,8
América Latina	12,4	22,3	12,3	8,9	12,3	9,1	16,3
Brasil	2,9	6,6	3,7	3,5	6,8	1,3	2,4
México	6,6	7,4	5,4	3,2	nd	5,3	12,5
Ásia	12,3	4,6	9,3	4,5	9,4	42,0	2,5
China	2,6	0,8	2,0	1,7	2,4	9,1	0,3
Malásia	1,9	0,5	0,5	0,0	0,2	9,2	nd
Singapura	3,6	0,1	2,8	0,1	1,6	14,0	0,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir dos dados do BEA.

Quanto ao Brasil, destaca-se a importância do setor de Máquinas e Equipamentos, onde as filiais brasileiras respondem por 6,8% do total e o setor de alimentos, onde a participação atinge 6,6%. Na Química e na Metalurgia, a participação das filiais brasileiras é ligeiramente inferior, em torno de 3,5%, enquanto que no setor de equipamentos de transporte atinge 2,4%.

Quando se analisa em cada país quais os setores de atividade onde as filiais concentram suas operação, evidencia-se uma certa especialização por país.



Realizando um balanço dos dados apresentados, fica evidente a perda de importância relativa das atividades brasileiras no conjunto das operações no exterior das ETNs norte-americanas. De um lado, as informações analisadas mostram que o Brasil ficou alijado do movimento de deslocamento de atividades para o exterior promovido pelas grandes corporações americanas do setor eletroeletrônico, informática e equipamentos de telecomunicações. Nesse caso, os grandes beneficiários foram os países asiáticos. Por outro lado, no setor equipamentos de transporte, onde os custos de transporte são mais elevados, fato que dificulta um processo de transferência de atividades produtivas para regiões mais distantes como o que ocorreu no complexo eletrônico, a incorporação do México ao NAFTA acabou definido esse país como espaço privilegiado de produção. Nos maioria dos demais setores o desempenho das filiais brasileiras dependeu do ritmo de crescimento do mercado interno. Nesse caso, a estagnação e incapacidade de voltar a uma trajetória de crescimento sustentado acabaram por reduzir os espaço das filiais brasileiras dentro da rede global das corporações dos EUA. As exceções ficaram por conta de setores onde existiam vantagens associados à disponibilidades de recursos naturais, como na indústria de alimentos, ou onde surgiram oportunidades devido ao processo de privatização, como nos setores de infraestrutura.

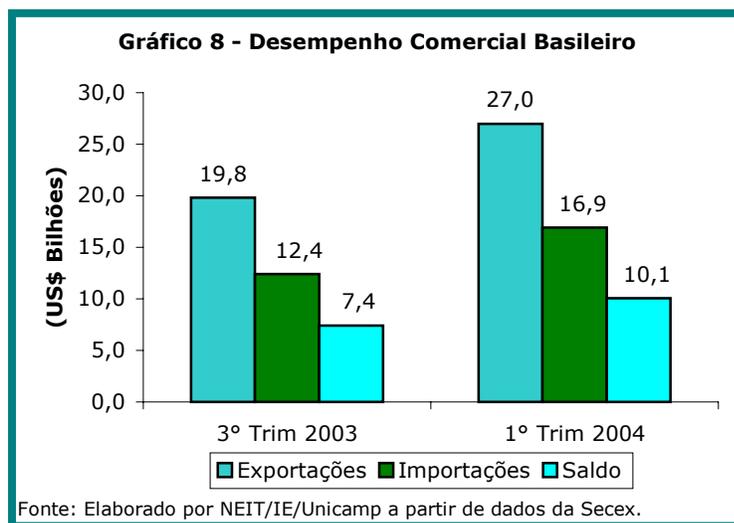
Apesar da perda de importância relativa, o Brasil ainda ocupa uma posição importante entre os países em desenvolvimento

Apesar da perda de importância relativa, o Brasil ainda ocupa uma posição importante entre os países em desenvolvimento, dentro da rede mundial de filiais, superior, de acordo com os dados para o último ano disponíveis, a maioria dos países asiáticos. Entretanto, caso não se reverta a conjuntura negativa para a indústria vivida na década passada, essa posição pode ser cada vez menos importante, fato preocupante, uma vez que os investimentos do EUA ainda representam cerca de 20% de todo o estoque de investimento estrangeiro realizado na economia brasileira.

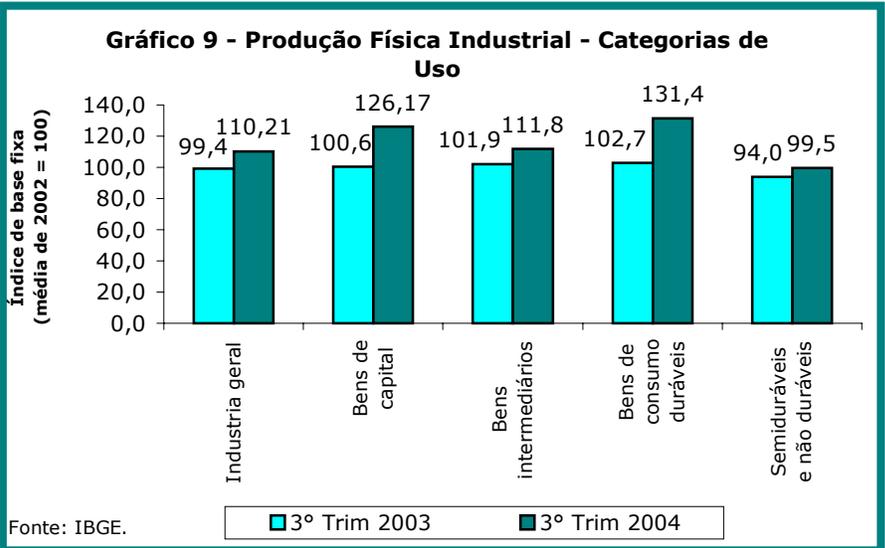
Comércio exterior e Produção Industrial

O terceiro trimestre de 2004 marcou a continuidade do crescimento das exportações brasileiras. No período de julho a setembro deste ano, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 27,0 bilhões, o que representa um crescimento de 36,3% em relação a igual período de 2003. As importações, por sua vez, mantiveram também sua trajetória ascendente, tendo atingido US\$ 16,9 bilhões. Este valor representa um crescimento de 36,2% em relação ao terceiro trimestre do ano passado, evidenciando que as importações responderam ao início do processo de recuperação da economia do país. Estes resultados contribuíram para a geração de um saldo comercial de US\$ 10,1 bilhões, valor este 36,4% superior ao resultado de igual período em 2003. Entretanto, com o rápido crescimento das importações, a taxa de crescimento do saldo comercial em 2004 foi arrefecida. A variação do saldo comercial no terceiro trimestre deste ano em relação ao trimestre anterior foi equivalente a 13,6%, ao passo que o crescimento do segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre foi equivalente a 44,4%.

No 3º trimestre de 2004, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 27,0 bi (36,3% de crescimento em relação a igual período de 2003). As importações foram de 16,9 bi (crescimento de 36,2% em relação a 2003).

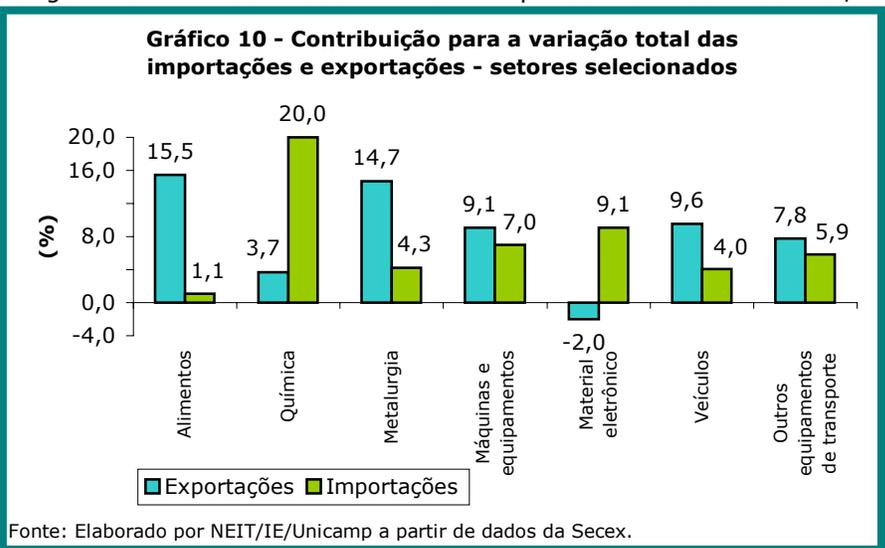


Os indicadores de produção deste trimestre também são positivos, embora um olhar mais cuidadoso indique que há um certo grau de desaceleração no ritmo de crescimento da produção industrial. Tomando-se igual período de 2003 como base, a produção industrial cresceu 10,9%, com destaque para os setores produtores de bens de capital e de bens de consumo duráveis. Em termos acumulados, a produção industrial cresceu 9,0% entre janeiro e setembro deste ano. O indicador anualizado indica manutenção da trajetória de crescimento da produção industrial em setembro, quando a taxa atingiu 7,2% em comparação aos 6,9% verificados em agosto. Entretanto, o indicador mensal mostra o arrefecimento da produção industrial em vários setores, o que levou à estagnação da produção industrial em setembro em comparação a agosto. De fato, os números deste mês indicam a diminuição do crescimento de vários setores, com destaque para a retração de 2,5% dos setores produtores de bens de capital.



No 3º trimestre a produção industrial cresceu 10,9%, em comparação a 2003, com destaque para os setores de bens de capital e bens de consumo duráveis. Porém, o indicador mensal indica a desaceleração da produção.

Em que pese a acomodação da produção industrial em setembro, o crescimento observado ao longo do ano estimulou as importações brasileiras que vêm mantendo uma trajetória ascendente ao longo dos últimos meses. De um ponto de vista setorial, a contribuição com a variação total das importações no terceiro trimestre de 2004 em relação a igual período de 2003 veio principalmente de setores tradicionalmente deficitários, com destaque para os produtores de bens intermediários e setores dependentes de componentes com maior conteúdo tecnológico e com produção realizada em redes globais de produção. Além do setor de extração de petróleo, afetado pela alta dos preços internacionais, contribuindo para 17,8% da variação total, destaca-se o complexo químico (20,0%) e o setor de equipamentos e material eletrônico e de comunicações (9,1%).



Do lado das exportações, destacam-se os setores que ao longo deste ano têm apresentado um bom desempenho: produção de alimentos processados (15,5%), metalurgia (14,7%), máquinas e equipamentos (9,1%, apesar dos 7,0% de crescimento das importações), e fabricação de veículos (9,6%). Os resultados do comércio exterior no período recente sugerem a manutenção do padrão de inserção comercial brasileiro: exportações relativamente concentradas em bens primários ou de baixo conteúdo



tecnológico - não obstante o crescimento das exportações de em alguns setores mais dinâmicos, enquanto as importações permanecem concentradas em bens de maior complexidade.

Os setores associados à produção de commodities são responsáveis por 40,9% da variação total das exportações brasileiras, enquanto os bens de alto conteúdo tecnológico respondem por 41,9% da variação das importações.

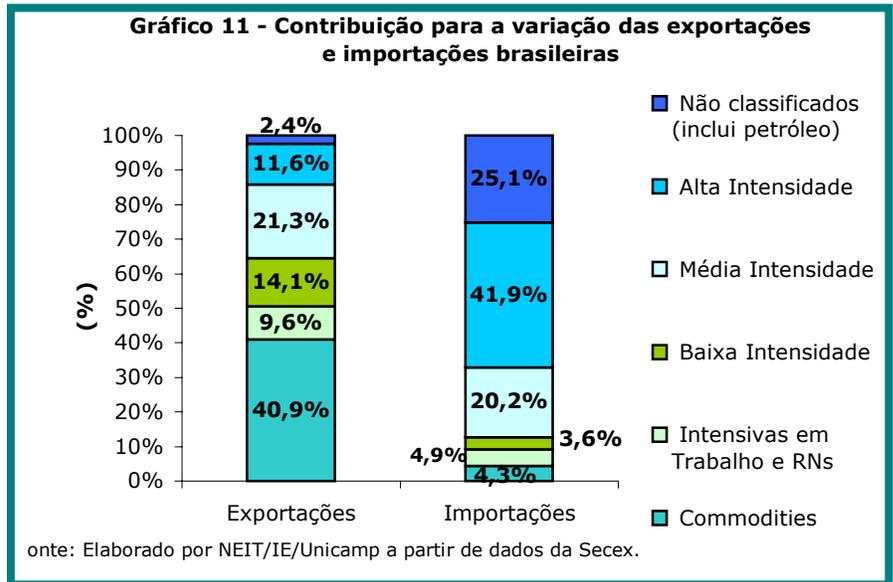
O gráfico 11 apresenta a contribuição para a variação total das exportações e importações brasileiras de acordo com o grau de intensidade tecnológica, seguindo a classificação proposta pela Unctad. Do lado das exportações, conforme pode ser observado, sobressaem-se os setores associados à produção de commodities, responsáveis por 40,9% da variação total das exportações brasileiras. Os principais destinos destes bens são a Ásia, a União Européia e o Resto do Mundo, em que se destacam países como a Rússia. A seguir vêm os bens de baixa e média intensidade tecnológica, destinados ao Mercosul, Nafta e Aladi. O bom desempenho dos bens de médio conteúdo tecnológico (21,3%) reflete, em grande parte, o resultado positivo das exportações do complexo automotivo. Por fim, seguem-se os bens de alto conteúdo tecnológico. Com relação ao comércio com os Estados Unidos, principal mercado mundial, a participação das exportações brasileiras no total importado por aquele país vêm se mantendo constante ao longo dos últimos quatro trimestres, em torno de 1,4%, indicando que a competitividade dos produtos brasileiros naquele mercado não tem se alterado no período recente.

Os dados sobre a variação das importações, por sua vez, demonstram o peso dos bens de alto conteúdo tecnológico na pauta brasileira. Estes bens responderam por 41,9% da variação total das importações no terceiro trimestre deste ano em comparação a 2003. Os principais mercados de origem são a Ásia (complexo eletrônico), o Nafta e a União Européia - de fato, estes são os principais mercados de origem da maioria dos produtos importados pelo Brasil. Com relação aos demais bens, sobressaem-se aqueles de médio conteúdo tecnológico e também os bens não classificados, que incluem petróleo e derivados.

O Brasil é um grande exportador de commodities (tanto recursos naturais quanto manufaturados de baixa elaboração), atendendo a mercados menos dinâmicos, e, por outro lado, um importador de bens sofisticados.

Os dados acima ilustram a característica fundamental da inserção externa brasileira: o país é um grande exportador de commodities (tanto recursos naturais quanto manufaturados de baixa elaboração), atendendo a mercados menos dinâmicos, e, por outro lado, um importador de bens sofisticados. Um dos problemas deste tipo de inserção é a elevada sensibilidade das exportações ao comportamento dos preços internacionais e da taxa de câmbio. Adicionalmente, o peso dos bens de média e alta intensidade tecnológica na pauta de importações as torna muito sensíveis à recuperação da demanda doméstica, isto é, uma retomada sustentada do crescimento tende a provocar uma rápida elevação das importações, tanto pelo lado da ampliação da demanda por máquinas e equipamentos como pelo aumento da demanda por bens de maior grau de sofisticação, como por exemplo os eletro-eletrônicos, conforme indicam os resultados observados ao longo de 2004.

Voltando à discussão da produção industrial, o setor de máquinas e equipamentos pode ser aproximado como um "termômetro" do movimento recuperação da economia. Em setembro o setor apresentou leve recuo da produção industrial em comparação a agosto, indicando uma acomodação do nível de atividade. O índice acumulado no ano chega a 19,0%, enquanto o indicador anualizado mantém sua trajetória de crescimento, tendo



atingido 15,8% em setembro. Do ponto de vista comercial, o setor melhorou seu desempenho no período recente, graças à continuidade dos bons resultados dos subsetores produtores de máquinas e equipamentos agrícolas e destinados à construção civil e indústrias extrativas. Incluindo-se o subsetor de eletrodomésticos, o resultado do setor de máquinas

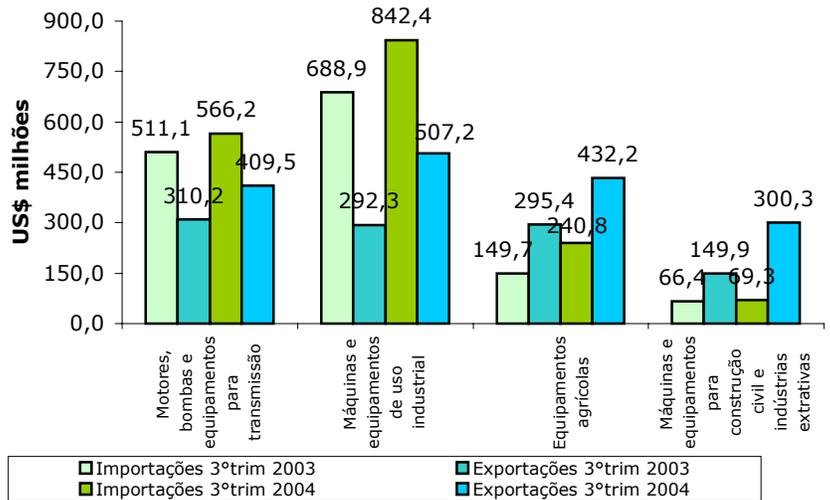
e equipamentos agregado torna-se superavitário em US\$ 68,5 milhões. Porém, os subsetores mais sensíveis ao ciclo doméstico permanecem deficitários, com destaque para os equipamentos de uso industrial.

Além dos setores associados à produção de bens de capital, os setores produtores de bens duráveis têm se destacado em termos do nível de produção ao longo de 2004. Em comparação com o terceiro trimestre de 2003, tiveram um bom desempenho, além dos setores associados à produção de máquinas e equipamentos, os setores de equipamentos de informática, material eletrônico e de telecomunicações e o complexo automobilístico. No caso do setor de material eletrônico e de comunicações, a retomada da demanda doméstica deslocou a produção para o atendimento do mercado interno. Os dados de comércio sintetizados no gráfico 14 indicam que além da redução das exportações, houve crescimento mais que proporcional das importações. No que se refere ao setor de fabricação de veículos, o mercado externo vem atuando como importante fator explicativo do crescimento no período recente, porém, há que se destacar os sinais de recuperação das vendas internas em 2004.

Os resultados do terceiro trimestre de 2004 indicam a manutenção do bom desempenho do nível de produção industrial e do resultado comercial do país. Contudo, o indicador mensal para setembro dá sinais de arrefecimento da expansão da produção industrial, apontando certa desaceleração em alguns setores que até então vinham apresentando resultados bastante positivos, como os setores produtores de bens de capital. Do ponto de vista comercial, o crescimento da economia estimulou a rápida ampliação das importações em comparação ao terceiro trimestre de 2003. Caso a tendência de acomodação do nível da produção doméstica observado em setembro se mantenha nos próximos meses, é provável que ocorra também uma estabilização das importações, apesar destas estarem superando marcas históricas nos meses de outubro e novembro, conforme os primeiros

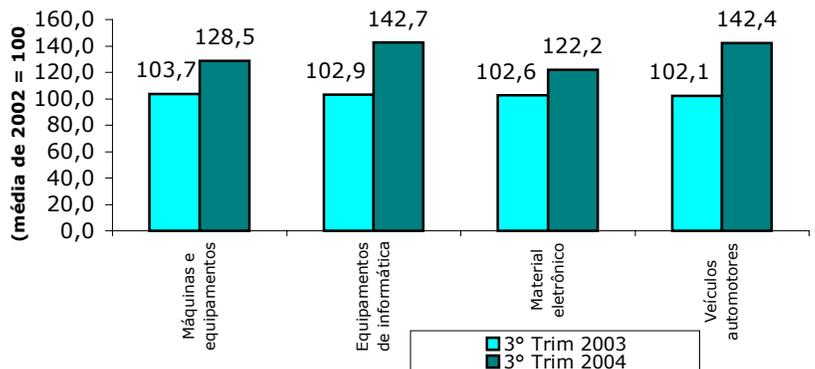
O setor de máquinas e equipamentos melhorou seu desempenho comercial no período recente, graças aos bons resultados dos subsetores produtores de máquinas e equipamentos agrícolas e destinados à construção civil.

Gráfico 12 - Desempenho comercial do setor de máquinas e equipamentos



Fonte: Elaborado por NEIT/IE/Unicamp a partir de dados da Secex.

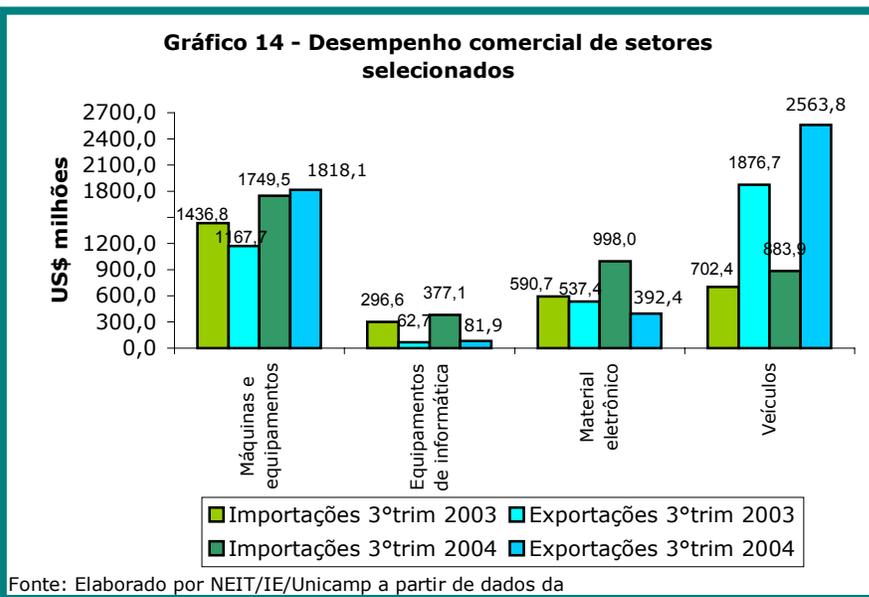
Gráfico 13 - Produção Física Industrial - Setores Selecionados



te: IBGE.

Em um cenário de acomodação da produção industrial, as importações tendem a se estabilizar. Por outro lado, caso o crescimento se mantenha, pode haver elevação ainda maior das importações brasileiras.

dados divulgados pela Secex. Na hipótese de manutenção do crescimento da produção industrial, as importações podem crescer mais rapidamente, reduzindo a magnitude do superávit comercial do país. Esta tendência pode se acentuar em um cenário de retomada dos investimentos por parte do setor produtivo, uma vez esgotada a capacidade produtiva instalada. Adicionalmente, a combinação de preços de insumos intermediários elevados com a tendência à valorização do real frente à moeda norte-americana pode ter impactos ainda maiores sobre as compras brasileiras do exterior. Do lado das exportações, afora as questões sobre a composição e a concentração da pauta



enunciadas ao longo do texto, há que se destacar a urgente necessidade de investimentos em infra-estrutura de escoamento da produção agropecuária, com destaque para os portos, a fim de não prejudicar as vendas externas do país, ainda muito concentradas nesta categoria de produtos.

Equipe Responsável NEIT – IE – Unicamp.

Coordenação Geral: Fernando Sarti.

Coordenação: André Luiz Correa.

Pesquisadores: Adauto Roberto Ribeiro, Célio Hiratuka, Paulo Roberto S. Trajano da Silva, Raphael C. Camargo, Rogério Frediani.

Estagiários: Douglas T. Simikawa, Lara Caldas, Maíra Scarpelli, Vinícius Souza.